

Mercado do futebol, juventude e escola

Antonio Jorge Gonçalves Soares,
Tiago Lisboa Bartholo, Leonardo
Bernardes Silva de Melo e Hugo
Paula Almeida da Rocha*

A sociedade brasileira oferece poucas oportunidades de ascensão social, que, somadas à precariedade da escola pública brasileira e do mercado de trabalho para as novas gerações, transformam o futebol profissional em projeto familiar para as camadas populares.

Marcelo, 16 anos, acorda diariamente antes das seis horas da manhã, organiza seu material de treino e seus livros e cadernos escolares, come algo de forma rápida e pega um ônibus do município de Nova Iguaçu, deslocando-se até a Associação Atlética Portuguesa, um clube de futebol da segunda divisão localizado na Ilha do Governador, Rio de Janeiro (1). Chega ao destino por volta de oito horas da manhã, encontra com seus companheiros e treina das nove horas ao meio dia. Sai correndo para sua escola em Nova Iguaçu e chega, geralmente, 40 minutos atrasado. Todavia, explica que possui liberação dos professores por ter apresentado uma declaração do clube. Às terças e quintas, sai da escola antes do término, também com a anuência dos professores, para treinar futsal na Gávea (Clube de Regatas Flamengo), um bairro localizado na zona sul da cidade que fica a 50 km de Nova Iguaçu. Nos dias de treino de futsal, Marcelo chega em casa por volta das dez e meia da noite. Essa vida corrida entre ônibus, treinos e escola demonstra o investimento de tempo e recursos que o jovem e a sua família fazem em função do sonho de tornar-se jogador de futebol.

As reflexões e questões norteadoras de nosso pensamento sobre a relação entre formação profissional no futebol e escolarização básica no Brasil são as seguintes: Como explicamos que um contingente significativo de jovens brasileiros do sexo



masculino invista tempo, recursos e esforços na profissionalização num esporte que oportuniza poucas vagas e poucas chances de sucesso nesse restrito mercado? Como os jovens que estão oficialmente inscritos nos clubes de futebol conciliam a formação no futebol com a escola básica?

O mercado para atletas de futebol no Brasil, apesar de os dados não serem precisos, gira em torno de 10 a 15 mil postos de trabalho. Parte desses postos é formada por empregos sazonais e bastante precários. O mercado nacional é formado pelos 500 clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA – organismo supranacional que detém o monopólio do futebol espetáculo (DAMO, 2005). Embora o número de clubes pareça expressivo para formar o mercado do futebol, o número de postos de trabalho valorizados economicamente é restrito. Dos 500 clubes

vinculados à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), apenas 4%, isto é, 20 clubes, possuem 90% da preferência dos torcedores (idem). Tal preferência indica que apenas poucos clubes possuem potencial de exploração e geração de receitas economicamente significativas junto ao público consumidor.

Se olharmos com atenção a pirâmide salarial desse esporte no Brasil, verificaremos o quanto estamos distantes do sonho de riqueza e mobilidade social. Os dados disponibilizados indicam que 84% dos jogadores de todas as divisões do futebol profissional no Brasil recebem salários de até 1.000 reais, 13% recebem entre 1.000 e 9.000 reais e apenas 3% recebem acima de 9.000 reais por mês (2). Esses indicadores não sofreram significativas mudanças nos últimos seis anos (3). Mesmo que em determinados momentos os

jornais e a televisão divulguem as dificuldades e percalços dessa profissão, isso parece não desestimular a demanda de jovens que batem às portas dos clubes. Tornar-se um jogador de prestígio que venha a ser negociado para um clube europeu é o que alimenta o sonho desses jovens. Esse tipo de formação tem hoje o mercado internacional como alvo. Todavia, o destino dessa massa de jogadores formados no país, quando aproveitados no futebol profissional, será possivelmente trabalhar nas divisões inferiores do futebol no Brasil. Apesar disso, o grande contingente vinculado às categorias de base representa a aposta na profissão.

O início da carreira no futebol não é nada fácil. O “vestibular” para vestir a camisa de um clube tem uma relação candidato/vaga inimaginável para o sistema escolar. Toledo (2002), ao analisar o processo das “peneiradas”, um dos meios mais popularizados de acesso ao início da carreira, indica que estatisticamente a taxa de aproveitamento é próxima de 1%. Em 1995, por exemplo, dos 3.500 jovens que se aventuraram nas “peneiras” do São Paulo F. C. apenas cinco foram aproveitados; em 1996, no mesmo clube, apenas dois dos 4.000 o foram. Em 2008, o Flamen-

go teve mais de 1.000 candidatos de todo o Brasil tentando uma vaga nas categorias de base no “Ninho do Urubu” (4); apenas dois foram selecionados (5). O que explica tanto investimento com tão poucas possibilidades de sucesso? Para além das respostas culturais, aquelas que explicam o papel socializador do futebol em nossa sociedade, as hipóteses que podemos levantar para explicar esse alto investimento de tempo, trabalho corporal e desejos desses jovens e de suas famílias são as seguintes: a) quanto menos capital cultural a família do jovem possui, maior será o investimento na carreira de jogador; b) o processo de formação no futebol pode render prestígio social e alguma remuneração ou ajuda de custo ainda na formação; c) a sociedade brasileira oferece poucas oportunidades de ascensão social, que, somadas à precariedade da escola pública brasileira (6) e do mercado de trabalho para as novas gerações, transformam o futebol profissional em projeto familiar para as camadas populares (RIAL, 2006).

O menino que passa nesse “vestibular” e ingressa nas categorias de base do futebol aos 12 ou 13 anos de idade terá que realizar um investimento estimado em 5.000 horas de

84% dos jogadores de todas as divisões do futebol profissional no Brasil recebem salários de até 1.000 reais, 13% recebem entre 1.000 e 9.000 reais e apenas 3% recebem acima de 9.000 reais por mês

exercícios corporais, além de treinos de técnicas esportivas e psicológicas ao longo de sua formação (DAMO, 2005). Apenas para termos uma ideia do que significa o dado anterior, se consideramos que o aluno da escola pública brasileira permanece em média 4 horas/dia em sala de aula, e que em tese cada ano possui 200 dias letivos, a formação no ensino fundamental terá uma carga de 7.200 horas ao longo de nove anos. No ensino médio essa carga seria de 2.400 horas ao longo de três anos.

Em estudo (7) no qual levantamos uma série de dados dos atletas entre 12 e 20 anos, inscritos oficialmente na FERJ (Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro), a média de treino semanal de todas as categorias é de 14 horas e 20 minutos, sem contarmos o tempo destinado aos jogos. Se considerarmos que em geral esses atletas de futebol possuem um mês de férias, variando um pouco para mais ou para menos, dependendo da categoria, num ano em que eles tenham em média 49 semanas de atividades nos clubes a carga horária anual será de 702 horas e 20 minutos destinadas aos treinos. Se projetarmos isso pelos nove anos de formação, considerando apenas as categorias estudadas (mirim até os juniores), o atleta terá tido uma carga de treino próxima das 6.321 horas



de treinos. Observemos que nossas estimativas consideram apenas o tempo de treino no Rio de Janeiro e são superiores às encontradas por Damo (2005) em seu estudo.

Esses dados demonstram que desde cedo os jovens entram num rígido regime disciplinar que regula horários e comportamentos dentro e fora do clube no sentido de formar o *ethos* do jogador de futebol. Tal regime assemelha-se à disciplina do mundo do trabalho. Vale lembrar que esse regime tende a ser mais controlado para os atletas que vivem albergados e longe de suas famílias nos clubes. Esses jovens, desde a categoria mirim, aos 12 anos, podem receber alguma ajuda de custo para passagens, gastos básicos ou incentivos financeiros, ficando claro que a remuneração depende da estrutura financeira do clube e do potencial do atleta. No Clube de Regatas Flamengo, por exemplo, todos os atletas das categorias da base do futebol recebem ajuda de custo para passagens e gastos básicos. A partir dos 16 anos de idade, quando podem oficialmente assinar contratos de trabalho, eles podem receber incentivos financeiros que variam de R\$ 1.200,00 a R\$ 2.000,00, podendo esses valores aumentar em função do potencial do atleta. É claro que essa não é a realidade da maioria dos clubes, mas o regime de trabalho corporal e a dedicação para a formação profissional no futebol são semelhantes com ou sem remuneração. Todos alimentam a esperança de uma transferência para um grande clube, com remuneração ainda na fase de formação (8).

Diante disso, argumentamos que esses atletas podem ser considerados como jovens aprendizes de uma profissão, mesmo que essa atividade e esse tipo de instituição formadora, o clube, não estejam contemplados no decreto 5.598 (9), que regula a for-

mação profissional do jovem aprendiz. Por outro lado, os controles que o referido decreto prevê sobre direitos do jovem aprendiz e deveres das instituições formadoras, entre eles a adequação do horário das atividades de formação profissionalizante à escola, pode não estar sendo observado pela maioria dos clubes. No caso do futebol a rotina de treinos semanais acaba por condicionar o horário de frequência à escola. Por exemplo: os dados coletados com 186 atletas-estudantes de 15 a 17 anos nos clubes do Rio de Janeiro evidenciam que 41,9% destes estudavam à noite.

A escola não é desinteressante e pouco produtiva só para os atletas.

Essa opção de turno se dava em função do atraso escolar e/ou como forma de conciliar a escola com o cotidiano dos treinos. Como se sabe os atletas, de todas as categorias de base, treinam, em geral, 5 vezes por semana e em determinados momentos da competição treinam fora do turno normal e/ou viajam para competições. Como contraponto à realidade brasileira, Souza; Vaz; Bartholo; Soares (2008), ao narrarem a trajetória de Leandro (10) – adolescente de 12 anos que foi contratado para jogar no Clube Feyenoord da Holanda –, indicam que ele foi na época matriculado em uma escola regular, cujas aulas ocorriam de segunda a sexta-feira das 9 às 16 horas (7 horas diárias de permanência). Os treinos ocorriam no final da tarde e durante parte da noite. Isso indica que, na Holanda, a escola determina o horário dos treinos e mesmo os jovens imigrantes devem estar matriculados na escola regular. Esse é um bom exemplo para pensarmos a relação escola-futebol em nosso país

e os investimentos que nossos clubes realizam na formação escolar de nossos atletas.

Apesar de os dados sugerirem que a carreira no futebol pode ser uma aposta com poucas chances de realização, devemos questionar se o destino dos jovens mal sucedidos nessa carreira seria diferente caso tivessem investido pesadamente na escola básica que temos para as camadas populares. Os argumentos que temos no sentido de tatear respostas para a questão colocada são os seguintes: a) sabemos que a escola brasileira tem baixa qualidade e é desinteressante; os dados sobre evasão escolar indicam que o principal motivo de abandono da escola até o ano de 2006, dentre outros apresentados, é a falta de interesse intrínseco na escola, com 43,3% das respostas (NERI, 2009) (11); b) a taxa de desemprego entre os jovens é mais alta significativamente quando comparada à da população economicamente ativa (PEA), e tende a aumentar entre aqueles que possuem baixa escolaridade (SCHWARTZMAN; COSSÍO, 2007); c) a Sociologia da Educação aponta que a origem social e a escolarização dos pais, em termos de probabilidade, determinam a localização dos filhos na estratificação social (BOURDIEU, 1998; SCHWARTZMAN, 2004, 2006); d) o problema que constatamos, durante as conversas que travamos diretamente com esses jovens atletas, é que o futebol se torna o foco de suas vidas. Com isso, a escola, as tarefas escolares e outras possibilidades de formação cultural ficam em segundo plano e não são por eles valorizadas.

Por fim, diante desse cenário podemos pensar que a aposta para os virtuosos no futebol é bastante razoável, pois a escola não é desinteressante e pouco produtiva só para os atletas. 🕒



* **ANTONIO JORGE GONÇALVES SOARES** é doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Atualmente, é docente da instituição. Também é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de produtividade em pesquisa – Nível 2 do CNPq. **TIAGO LISBOA BARTHOLO** é mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF) e professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAP – UFRJ). Compõe ainda a secretaria do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE-RJ. **LEONARDO BERNARDES SILVA DE MELO** é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF). **HUGO PAULA ALMEIDA DA ROCHA** é graduando em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa que dá origem a este texto tem apoio de CNPq, FAPERJ e Fundación Carolina-Espanha, agências às quais os autores prestam seus agradecimentos.

NOTAS

- (1) A distância entre esse município e a Ilha do Governador é de 38 km.
- (2) Dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para o ano de 2009, amplamente divulgados pela mídia.
- (3) CBF (2003).
- (4) Centro de treinamento do Flamengo em Vargem Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro.
- (5) Sportv Repórter. Programa intitulado “Olheiros Virtuais”. Canal Sportv – exibição em 23 de setembro de 2009.
- (6) Dados sobre a precariedade do ensino público no Brasil podem ser esclarecedores do quadro que estamos descrevendo: a repetência de alunos é de 20,6%, a maior da América Latina. A formação dos professores no ensino básico é insuficiente. Dos professores de 1ª a 4ª séries apenas 47% têm diploma universitário; desses, apenas 43% têm diploma em licenciatura. De cada 100 crianças matriculadas na primeira série do ensino fundamental 88,6% chegam à 4ª série, 57,1% à 8ª série e 36,6% ao 3º ano do ensino médio. No gasto médio por aluno o Brasil – país com a economia mais diversificada e potente do continente – fica atrás de seus vizinhos Argentina, Uruguai, Chile e Colômbia. Ver “Escola Brasil” (O Globo, Rio de Janeiro, 22 jul. 2006).
- (7) Os dados apresentados fazem parte de uma pesquisa mais ampla que analisa a conciliação entre formação profissional no esporte e a escolarização básica.
- (8) No Club de Regatas Vasco da Gama, os dados de trabalho de campo indicam que os atletas do juvenil, a partir dos 16 anos, que são avaliados com potencial, podem ganhar incentivos financeiros com contratos assinados que variam de 600 a 3.000 reais.
- (9) Dentre as instituições formadoras do Sistema S (SENAI, SENAC, SESI etc) é óbvio que os clubes esportivos não figuraram no decreto.
- (10) Esse atleta entrou ilegalmente na Holanda, com passaporte falso, e foi ouvido pela CPI da NIKE. Seu nome no artigo supracitado é fictício.
- (11) Análise a partir da base de dados de 2004 e 2006 da PNAD.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura”. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. pp. 39-65.
- DAMO, A. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França* (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre, 2005, 434 p.
- HELAL; SOARES, A. J. G.; SALLES, J. G. do C. “Futebol”. In: *Atlas do esporte no Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005. pp. 257-259.
- NERI, M. C. “O paradoxo da evasão escolar e as motivações do sem escola”. In: VELOSO, F.; PESSÔA, S.; HENRIQUES, R.; GIAMBIAGI, F. (orgs). *Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. pp. 25 – 50.
- RIAL, C. “Jogadores brasileiros na Espanha: imigrantes porém...”. *Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares*. VLXI, n.2, 2006. pp.163-190.
- SCHWARTZMAN, S. *As causas da pobreza*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. “Programas sociais voltados à educação no Brasil”. *Sinais Sociais*, v. 1, 2006. pp. 114-145.
- SCHWARTZMAN, S.; COSSIO. “Juventude, educação e emprego no Brasil”. *Cadernos ADENAUER*, v. 7, 2007. pp. 51-65.
- SOUZA, C. A. M.; VAZ, A. F.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. “Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros”. *Horizontes antropológicos* [online], vol.14, n.30, 2008. pp. 85-111. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004&lng=en&nrm=iso Acesso em 22 out. 2009.
- TOLEDO, L.H. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.